

Reflexões sobre a tecnologia

Ecio Elvis Pisetta ¹

Resumo

O texto possui a forma de ensaio, enveredando e fracassando em assunto difícil. Assume os limites e provocações de um caminho que se ofereceu. Ele tem como objetivo construir um olhar reflexivo acerca da tecnologia cultivando questões e chamando a atenção para alguns pontos em especial. Buscamos uma interpretação ontológica da tecnologia. Para tanto, exploramos os termos “meios” e “fins” como fios condutores rumo a uma compreensão unitária da realidade. Com isso queremos tornar nosso pensamento minimamente sensível à questão do ser. Buscamos, igualmente, ultrapassar qualquer interpretação otimista ou pessimista da tecnologia, pois não possuem lastro para suportar a gravidade de nosso tempo. No que se convencionou chamar de tecnologia experimentamos um modo possível de existência humana, onde o ser humano é convocado a viver a tarefa de se encontrar e o perigo de se perder.

Palavras-chave: tecnologia, filosofia, existência, meios, fins.

1. Professor adjunto de Filosofia – UNIRIO.

Abstract

The text is in the form of essay, embarking and failing in a difficult subject. It takes the limits and provocations of a path that offered itself. It aims to build a reflective look about technology issues and drawing attention to a few points in particular. We look for an ontological interpretation of technology. Thus we explore the terms "means" and "ends" as leads towards an unitary understanding of reality. By this we make ourselves minimally sensitive to the question of being. We seek also overcome any optimistic or pessimistic interpretation of technology because they have no capacity to support the seriousness of our time. In what is called technology we experienced a possible way of human existence, where the human being is called to live the task of finding himself and the danger of getting lost.

Keywords: technology, philosophy , existence, means, ends.

1. Introdução: A tecnologia não é imediatamente visível.

Sob o título “reflexões sobre a tecnologia” desejamos nos aproximar do fenômeno da tecnologia. Trata-se de totalidade que envolve nossa existência atual, que abarca ser humano e mundo num jogo de sentido que não é imediatamente visível. Por isso a necessidade de treino, de exercício. De certa forma, não vemos a luz, mas os objetos iluminados; o que nos faz ver — a luz — não é sem mais visível; e ainda: quando direcionamos nosso olhar para a luz, ao contrário do que esperávamos, ficamos sem ver, paralisados e inconformados. Esta situação assemelha-se, em parte, àquela tragédia vivida pelo prisioneiro na alegoria platônica da caverna.

Com isso acenamos para dificuldades típicas. Estas não nos devem assustar e desviar porque, de fato, não *vemos* em que consiste esta invisibilidade da tecnologia nem suas possíveis razões. O próprio tema nos parece confuso e um tanto absurdo. Pode nos ajudar se nos lembrarmos de uma razoável oposição entre substantivos concretos e abstratos. Os abstratos possuem algo de invisível. No entanto, o exemplo não é perfeito. Isto porque mesmo em tudo o que é concreto não se mostra uma visibilidade perfeita. Afinal, o que nos faz ver a coisa *pedra* ou uma *colher* ou uma *caneta* ou um *smartphone*? De forma simi-

lar, em tudo o que é abstrato também não ocorre uma invisibilidade perfeita. Afinal, encontramos e nomeamos experiências subjetivas tais como a *amizade*, o *ódio*, a *angústia*, a *globalização*, etc. Nós vemos estas experiências em múltiplos sentidos e, por isso ou a partir disso, as nomeamos. Mas, *o que nos faz ver* ou torna possível a visibilidade destes fenômenos, tanto concretos quanto abstratos?

Segundo nosso interesse, a invisibilidade da tecnologia carece daquele aspecto de poder se tornar em algum momento algo meramente visível, algo evidente, que não correria mais o risco de mergulhar na invisibilidade. Semelhante raciocínio estaria tratando estes termos — visibilidade e invisibilidade — como coisas simplesmente existentes, segundo o modo de pensar corriqueiro. Mas não é aqui o caso! Por certo, podemos ver qualquer coisa de concreto e de abstrato e, mais, dizer isso que vemos! Mas o que nos move nessa direção permanece invisível. Chamar a atenção para isso que nos move requer esforço de outra ordem. Assim, o fenômeno da tecnologia, por nós visado, poderá se manifestar somente através de uma transformação de nosso modo de pensar.

Acenando para as dificuldades deste caminho, diz-nos Heidegger em seu texto *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*:

Provavelmente desaparecerá a necessidade de questionar a técnica moderna, na mesma medida em que mais decisivamente a técnica marcar e orientar [como cibernética] todas as manifestações no planeta e o posto que o homem nele ocupa (HEIDEGGER, 1983, p. 73).

De certa forma, não vemos nada do jogo de sentido que compõe a tecnologia porque, segundo o filósofo, desapareceu a necessidade de questionar a técnica moderna, sobretudo em sua “nova” face: a da cibernética. Dessa forma, será sempre pouco investigá-la como algum conjunto complexo de aparelhos ou de processos. Quando perguntamos acerca de qualquer coisa, a coisa interrogada atinge ou queima num certo grau nossa retina: ela se torna um tanto visível, ela chama nossa atenção e pode se tornar tema de algum discurso organizado ou investigação teórica. O discurso, a fala, tanto hoje como desde os princípios da tradição ocidental, continua sendo o lugar das coisas se manifestarem e da realidade se tornar visível! Mas para perguntar é preciso, de certa forma e num sentido um tanto cômico, que *tropecemos* em algo, que nos tornemos sensíveis para estas quedas! Assim, precisamos dar atenção aos sinais deixados pela tecnologia e a valorizar certos momentos de interrupção e de descuido. Nesses pequenos tropeços poderemos segurar nosso passo e atentar para *o que* nos interrompeu. A tecnologia, *em seu ser*, raramente nos atinge, não se torna

frequentemente tema e não se manifesta sem mais. Quanto maior o predomínio tecnológico, menor a necessidade de se investigar esta situação de nossa existência atual. O que se manifesta num primeiro momento, e que pensamos sem mais compreender, são os objetos técnicos, os instrumentos científicos, os aparelhos tecnológicos e assemelhados. E os compreendemos como criações humanas. Chegamos ao ponto de nem nos preocuparmos muito com sua diferenciação em relação a outros objetos, os artesanais, por exemplo. A partir daí, os vemos como meios para alcançarmos certos fins. Esta visão é correta. No entanto, o essencial não é atingido (Cf. HEIDEGGER, 2002, p. 13). Estes pontos deterão nossa atenção no curso deste modesto trabalho.

Somos chamados por nosso interesse filosófico a colocar perguntas não muito frequentes. E temos certeza que não as responderemos à altura. Ei-las: Que são objetos técnicos e/ou científicos? O que os distingue dos objetos não tecnológicos, por exemplo, aqueles produzidos artesanalmente? O que queremos dizer quando designamos os objetos tecnológicos (um computador, televisão, carro, etc.) como *meios para fins*? Que significa a compreensão antropológica e instrumental da técnica, compreensão correta, mas não verdadeira? Será que podemos pensar em alguma espécie de *fim* para o qual tende de modo extremo o império tecnológico à medida que este pode ser pensado como *um grande meio*? Se sim, estaria este *fim* extremo já sendo apresentado ou pré-anunciado no advento e predomínio da tecnologia ou da cibernética (e das teorias da informação) como sistemas de informação e organização em redes cada vez mais funcionais que orientam e determinam *a priori* todo desenvolvimento das ciências naturais e sociais, ou seja, da vida humana? Será que na cibernética e na funcionalidade crescente por ela anunciada não se manifesta a tecnologia, ou seja, o *lógos* técnico? *Que possibilidades de nossa livre existência estão em gestação e ainda não foram suficientemente pensadas no seio do domínio tecnológico?* Destacamos que estaremos a pensar os termos “técnica” e “tecnologia” sobretudo em sua cunhagem moderna e contemporânea, apesar da extensão dos termos.

Tal como uma luz que tudo revela segundo seu próprio modo de iluminar, esse *lógos* técnico reorganiza numa nova totalidade de sentido o real, de tal maneira que até mesmo aqueles entes costumeiramente compreendidos como não técnicos (a pedra, a planta, o animal, o vaso de cerâmica encontrado numa escavação arqueológica e fabricado artesanalmente, a poesia e a literatura, a arte em geral, os afetos, a religião, etc.), em seus diversos âmbitos, vêm *primariamente* desta maneira ao nosso pensamento e nos são *assim* revelados. Por certo, uma revelação que deveria nos surpreender! Tudo o que não é técnico é, em geral,

acessível a nós a partir desta perspectiva, ou seja, como variação tecnológica! É o que encontramos de modo caricato, no discurso do pesquisador especializado e que se coloca como arauto das ciências. Este, interpelado a responder acerca de um campo que usualmente foge à sua objetividade, prontamente diz: “Isso a ciência ainda não consegue explicar!” Assim também é nossa costumeira interpretação e expectativa!

Mas queremos outra coisa. Heidegger fala dela no texto *O fim da filosofia...*, já citado:

Aqui se tem em mira a possibilidade de a civilização mundial, assim como apenas agora começou, superar algum dia seu caráter técnico-científico-industrial como única medida da habitação do homem no mundo. Esta civilização mundial certamente não o conseguirá a partir dela mesma e através dela, mas, antes através da disponibilidade do homem para uma determinação que a todo momento, quer ouvida quer não, fala no interior do destino ainda não decidido do homem (Heidegger, 1984, p. 74).

Que será isso que, de modo inusitado, fala e nunca cala no interior do destino não decidido do homem?

2. O que vemos de início?

O que nós vemos de início não é, de um ponto de vista ontológico, o que é primeiramente. De início vemos algo que, ontologicamente, é secundário. O que vem em primeiro lugar é o que nos faz ver. Logo, nosso olhar costumeiro segue em outra direção. Assim, o que nos faz ver oferece resistência à nossa visão comum. Ver a luz é sempre algo mais complexo do que ver o objeto iluminado. Mas esta inversão com suas dificuldades, como já apontado, não é resolvida segundo o raciocínio: ou a luz ou as coisas iluminadas, *ou a causa ou a consequência*.

Tão naturalmente o primado técnico se manifesta em todos os setores da vida (natureza, sociedade, individualidade, espiritualidade, arte, “pensamento”, etc.) que se dispensa a tarefa de um novo questionamento. Tudo funciona tão bem! Que há de errado nisso? Tudo tende para uma perfeição, funcionalidade, produtividade, conforto, segurança, etc., ainda maiores! E por que não tenderia? Mas o que se tornou lugar comum, em geral, nunca é fundamentalmente investigado. Os questionamentos se restringem ao uso comum, a procedimentos éticos ou não, democráticos ou não, científicos ou não, desejáveis ou não em determinado contexto. Percebemos isso na discussão acerca da imparcialidade

dos meios, como a que encontramos na dos meios de comunicação de massa. Não estamos a dizer que semelhante discussão não tenha o seu direito! Estamos acenando para a envergadura ontológica deste direito. No caso citado, não se está ali a investigar os meios de comunicação de massa enquanto meios, isto é, o seu *ser meio*, mas apenas o seu uso pontual. Ou seja, a certa altura de nossa consciência histórica e social vemos que o uso dos meios segue em determinada direção, mas desejaríamos que seguisse rumo diverso, segundo certos princípios desta mesma consciência! Assustamo-nos, então, quando um teórico dos meios de comunicação de massa nos apresenta o moto dotado de inversão: “O meio é a mensagem!” (MCLUHAN, 2006, p. 21). Um tropeço produtivo! Um convite à reflexão!

De forma distinta — não remetendo meramente aos usos — o essencial por nós visado não é imediatamente visível à medida que dispensa ou que não demanda esforços de visibilidade segundo o que é costumeiro. Constitui-se como algo que ultrapassa nossas vontades conscientes. Apenas tardiamente nos damos conta deste fenômeno, isto é, daquilo que ora permanece na invisibilidade. De qualquer forma, o exercício é imprescindível. Não podemos entrar nesse jogo sem preparação intelectual. Vale lembrar que “questionar é a piedade do pensamento” (Heidegger, 2002, p. 38), devoção essa considerada obsoleta pelo primado tecnológico. Como assim? A partir da tecnologia, o pensamento converteu-se em planejamento, cálculo prévio, com vistas a alguma execução. Todo outro pensamento que não possua esta estrutura foi transformado, quando muito, numa existência terapêutica, tolerada e secundária.

Novamente: *Como* vemos de início e sem mais? Neste “como” chamamos a atenção para a existência humana efetiva lidando com estes objetos. O questionamento deve trazer à tona aspectos de nossa situação humana no mundo. Nosso esforço terá como propósito retirar certa rigidez presente, sobretudo, na compreensão de meios e fins.

Ora, vemos ferramentas, utensílios diversos, objetos, máquinas, complexos fabris diversos, siderúrgicas, plantações industrializadas, usinas de energia, centros de consumo, processadores de informação, arquivos e programas, etc.; vemos processos de codificação e decodificação de textos, imagens e sons, de programação, fabricação, armazenamento, distribuição e consumo de tudo o que pode ser produzido. Vemos um conjunto de técnicas produzidas pelo ser humano e, de certo modo, a seu serviço. Vemos *meios*. Não há nada de invisível nisso. Pelo menos, é o que costumamos dizer! Mas isto, que *vemos efetivamente* meios, e como os estamos vendo e entendendo, não está claro. Nós não vemos,

simplesmente, porque temos olhos. Assim, precisamos alargar nossa compreensão e ter em mente a pergunta: o que nos faz ver e encontrar algo como *meio*?

Por certo, trata-se de algo óbvio: um carro é um meio de transporte para...; uma caneta é um meio para escrever; uma hidrelétrica é um meio para a produção de energia elétrica; um *notebook* é um meio para brincar, trabalhar, escrever, ler, estudar; um pacote de macarrão instantâneo é um meio para matar nossa fome; um conservante é um meio químico para preservar os alimentos; o parque natural é um meio para relaxarmos em nosso fim de semana; a reserva natural é um meio para preservarmos espécimes da fauna e da flora *para...*, etc. Em cada exemplo, *como* a existência humana se estrutura? Na evidência se oculta o que investigamos: que significa nomearmos algo como *sendo meio para* determinado fim? Significa que somente podemos entender algo como *meio* (como aquilo que veicula ou transporta algo de um lugar para outro!) se o fim, antecipadamente, já se tornou evidente e inquestionável. Do contrário é impossível transportar-se algo de um lugar *para* outro lugar. Se, por algum motivo, a evidência do fim não está clara, sofremos uma estranha estagnação do movimento! Um meio, somente o é, *sendo para... algo de outro!* Significa também que o ser deste meio (sua compreensão, isto é, o que entendemos por *este carro*, etc.) se determina a partir de algo que lhe é alheio, a partir de determinada finalidade despercebida ou não suficientemente esclarecida para nós. Podemos dizer, então, que não há isso, o *meio*, como algo isolado. O sentido da *coisa-meio* se perderia. Quando, corriqueiramente, determinamos algo como *meio* (este carro, esta mídia, etc.), estamos a desviar nosso olhar, buscando certa atitude sonâmbula, dócil e funcional. E nos habituamos a isso. Na reflexão que traz à tona esses sentidos ocultos estamos a exigir que nosso olhar tenha em vista outra coisa. Aprender a ver mostra-se como atividade de *desver* ou desaprender o que corriqueiramente nos habituamos a ver. *Compreender* um meio específico — um carro, caneta, hidrelétrica, etc. — é, então, *não ter em mira simplesmente este meio pontual*. Compreender o que vem a ser determinada máquina, um computador, etc., é exatamente não ter em mira este computador singular, este carro singular, etc. Quanta exigência para o olhar: aprender a ver em determinado meio efetivo o sentido de totalidade que o ultrapassa, e aprender a ver essa totalidade em cada meio efetivo, para que, assim, o que chamamos de meio se torne visível em seu ser ou sua estrutura. Assim, a alteridade ignorada na compreensão usual de meios, aquele lugar externo e estranho, deve ser aproximado e compreendido como a própria habitação da identidade atual!

De início, parece-nos algo de artificial! De imediato esta compreensão onto-

lógica da técnica e da tecnologia permanece oculta à medida que não a matu-
tamos desta forma. Nós a consideramos apenas como conjunto indiferenciado
de meios. O que é imediatamente visível perturba nossos esforços na direção
do que não é imediatamente visível. A própria natureza dos meios permanece
obscura.

Normalmente esta visão comum é expressa como a compreensão antropo-
lógica e instrumental da técnica (Cf. HEIDEGGER, 2002, pp. 11-13). Esta con-
sidera a tecnologia como um conjunto de meios para certos fins previamente
estabelecidos a serviço do ser humano e sob sua tutela. Embora correta e útil,
esta compreensão não nos permite visualizar o que está em jogo nas relações
tecnológicas. Ela trata seus elementos como simplesmente estando aí não tendo
olhos para sua gênese. Foge desta compreensão, por exemplo, o fato singular
de que a origem da técnica — de toda técnica — é mítica, isto é, é simultânea
ao surgimento do ser humano. Por isso, a técnica — em nossa leitura — não
se mostra meramente como um conjunto de habilidades ou de produtos indi-
ferentes e, simplesmente, sob o controle humano. Essa compreensão, embora
correta, não é verdadeira. Porque ela não revela ou descobre o que há de es-
sencial na técnica e, no caso, no que chamamos de tecnologia. E o que seria o
essencial?

3. A natureza dos meios: apontamentos.

Estamos hoje diante de *um modo de ser* dotado de um dinamismo próprio,
com suas possibilidades de encontro e desencontro, onde o ser humano pode se
achar e se perder, e que designamos como sendo a técnica moderna ou a tecno-
logia. Um exemplo, bastante simples e propício para nosso contexto de traba-
lho, onde observamos uma inadequação na avaliação da técnica, nos é apresen-
tado pelo estudioso em comunicações de massa Herbert Marshall McLuhan, em
seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem (Understanding Media)*.
O personagem citado argumenta tendo como pano de fundo a compreensão de
que a técnica moderna é algo de neutro, feito pelo ser humano, e que está a
serviço dele e sob seu controle. Apesar do foco nos objetos tecnológicos, o ra-
ciocínio beneficia uma compreensão da técnica em sua totalidade.

Ao aceitar um grau honorífico da Universidade de Notre Dame,
há alguns anos, o Gen. David Sarnoff declarou o seguinte: 'Es-
tamos sempre inclinados a transformar o instrumental técnico em
bode expiatório dos pecados praticados por aqueles que os mane-

jam. Os produtos da ciência moderna, em si mesmo, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor'. Aqui temos a voz do sonambulismo de nossos dias. É o mesmo que dizer: (...) 'As armas de fogo, em si mesmas, não são nem boas nem más: o seu valor é determinado pelo modo como são empregadas'. Vale dizer: se os estilhaços atingem as pessoas certas, as armas são boas; se o tubo de televisão detona a munição certa e atinge o público certo, então ele é bom. Não estou querendo ser maldoso. Na afirmação de Sarnoff praticamente nada resiste à análise, pois ela ignora a natureza do meio, dos meios em geral e de qualquer meio em particular, bem no estilo narcisístico de alguém que se sente hipnotizado pela amputação e extensão de seu próprio ser numa forma técnica nova (MCLUHAN, 2006, p. 25).

Considerar a tecnologia como um conjunto de meios, meios neutros, é exatamente não pensar *a natureza dos meios* — sua proveniência, seus interesses subterrâneos, seu vir-a-ser — nem a própria tecnologia como este *fim* ou *meio dominante*, no qual nos encontramos e que naturalmente nos disponibiliza uma infinidade de instrumentos. O personagem foca o aspecto subjetivo que remete a fins igualmente subjetivos, eximindo-se de qualquer tipo de análise. Sobrevive apenas a típica avaliação narcisística (depende do ser humano!) capaz de nos salvar do desconforto de qualquer exame maior. No entanto, tendo como pretexto a citação acima, enveredaremos por caminho distinto visando uma ampliação da compreensão do problema. *Por que o uso que fazemos* — mesmo que arbitrário — ou o modo como são empregados estes objetos não determina simplesmente o seu ser? Aqui há um belo tropeço e um convite à reflexão de variadas formas.

Sucintamente, que entendemos por uso, emprego ou serventia? Pensemos nas mais diversas atividades que executamos. Ora, é estar a lidar com algo, servindo-se de algo, em determinada atividade, por exemplo. É no uso e a partir do uso que o usado se mostra como sendo útil para determinada serventia. Ele, aquilo que está sendo usado, aparece somente ali, sendo para determinada serventia e a partir desta serventia! Assim, a partir do contexto de uso, compreendemos a ferramenta ou o objeto que está sendo empregado ou acionado como útil para determinada empreitada. Todo um mundo de relações se revela a partir do uso: usuário, objetos empregados, contexto instrumental, os outros, o mundo.² Aquilo que se mostra adquire visibilidade participando a cada vez

2. Estamos a sugerir, como pano de fundo, atividades artesanais. Mas não é nossa exclusiva intenção. Seria bom observarmos o mesmo raciocínio na utilização dos objetos ou aparelhos tecnológicos.

num mundo de sentido. *Algo serve para* significa: indicação de uma abertura ou possibilidade de sentido, de mundo de relações que, de certa forma, nunca dominamos ou antevemos por completo! Este aspecto indômito da serventia deve ser preservado como um dado ontológico: ali se abriga a liberdade e a possibilidade e, talvez, aquela "... determinação que a todo momento, quer ouvida quer não, fala no interior do destino ainda não decidido do homem" (Heidegger, 1984, p. 74 já citado).

Mas a serventia pode se apropriar de modo pouco comum do que está à mão em seu entorno. Existem também usos impróprios, como pregar com um tamanco substituindo um martelo, como encostar a porta da casa para que ela não feche com um teclado desativado, como servir-se de uma pilha de livros como mesa de jantar, etc. Os museus nos ajudam neste tipo de reflexões. A arte igualmente. Precisamos, é claro, soltar a imaginação para possibilidades um tanto absurdas, mas reais e desafiadoras! Diante de uma necessidade e faltando o objeto ou ferramenta adequada, nossa mão pensante procura fundamentalmente substituir aquilo que no momento falta ou aquilo que quebrou ou aquilo que já não pode mais ser usado. Estas possibilidades impróprias de uso são tão viáveis e legítimas a partir da atividade em vigor quanto as possibilidades próprias e comuns. A ação, a atividade, é o "sujeito" destes comportamentos. Necessário é pensar o sentido da ação, de toda atividade. Serve como indicação o seguinte: quando um ser humano se dá conta de si, ele somente o faz ou já o faz, estando envolvido ou atido a uma situação ou atividade de fato. Ele, o sujeito homem, diz quem é a partir de alguma atividade. Não há um sujeito que precede a ação. Para que se possa usar desta abstração, como o faz a ciência moderna em sua forma clássica, é preciso que o investigador mergulhe na mente, na razão, e assumindo esta posição como um novo princípio interpretativo, imagine todo um novo projeto de realidade (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1989, pp. 26-27; Cf. HEIDEGGER, 2006, p. 108). Mas, existencialmente, ainda será uma atividade ou comportamento teórico-científico. Delegar a um sujeito arbitrário a determinação de sentido dos objetos e instrumentos tecnológicos contém certa preguiça e perversão. Tudo é planejado a partir da ação narcisística de um sujeito que ignora (e cultiva este comportamento!) o sentido de fundo do que seja atividade, serventia, produção, técnica e vida humana. Esse próprio comportamento priva-se de auto-análise. Por isso, permanece também amorfo no discurso do personagem aquele comportamento que reduz todas as atividades a elementos racionais: cálculos, pesos, medidas. Por outra: a atividade científica, produtora dos objetos técnicos, não é pensada. Assim, os seres

humanos cultivam e se embriagam no sentimento fictício de que está sob sua exclusiva responsabilidade o uso — bom ou mau — dos objetos tecnológicos, porque estes nada mais são do que instrumentos neutros e disponíveis. Nada mais equivocado! Trata-se de uma interpretação sonâmbula, da qual o general é arauto, e que desobriga os seres humanos de terem que se haver, no caso, com o domínio tecnológico (Cf. HEIDEGGER, 1983, p. 73, *já citado*).

Tanto no uso impróprio de certos objetos, uso possível, quanto na atitude narcisística citada, algo permanece oculto: a natureza dos meios ou sua estrutura. Nesta possibilidade, o instrumento ou objeto não vem a ser a partir e segundo seu ser, mas a partir de outro lugar que, ora, predomina. Pregando com um tamanco, percebo: o ser-tamanco se oculta na função atual de ser-martelo. Admirando o avião de combate ou o tanque de guerra na praça pública, percebo: o ser-tanque-de-guerra ou ser-avião-de-combate efetivos se oculta na função atual de ser um memorial em praça pública. Posso imaginar um silvícola encontrando um objeto completamente estranho, uma caneta. Percebo que o ser-caneta permanece oculto nesta sociedade ágrafa. Usando uma arma a meu favor, percebo: o ser-arma permanece oculto em seu ser nas vantagens ou benefícios que ela me traz. Em sobreposições deste tipo, continuamos a perceber o predomínio da atividade. No entanto, e segundo certa interpretação, o que permanece oculto não desaparece. Está presente como algo estranho.

O que se apresenta neste aspecto oculto? Sua natureza. Assumiremos uma perspectiva invertida em relação ao ser-atividade acima apresentado, isto é, olharemos a partir dos objetos e de sua gênese. Afinal, os objetos nos convidam à vida de modos diferenciados! Pensemos na provocação ou convite que nos faz a engrenagem de um relógio, as lentes de um telescópio, a forma ou o sabor de uma maçã, o som de uma música, os contornos de uma escultura de Rodin ou as linhas de um quadro de Klee, etc. Há uma estrutura que antecede e ultrapassa nosso subjetivismo. Em geral não lhe damos muita atenção. A interpretação do personagem acima desconsidera a natureza ou estrutura dos meios ou, por outra, ignora aquele ambiente a partir do qual nascem os instrumentos e objetos: sua intencionalidade. Vemos nele um exemplar do ser humano mediano, típico dos tempos tecnológicos, como expressa Ortega y Gasset: “O característico do momento é que a alma vulgar, sabendo-se vulgar, tem o denodo de afirmar o direito de vulgaridade e o impõe por toda a parte” (ORTEGA Y GASSET, 1962, p. 67). Não se cultiva o olhar para o apelo do real presente nos mais diversos objetos.

De fato e a cada vez já estamos sempre num contexto de sentido do qual

não podemos nos eximir. No que diz respeito a nossa preocupação teórica, a tecnologia, devemos dizer que, em geral, nos *eximimos de pensar a natureza ou a estrutura dos meios*, aqui, dos meios tecnológicos, quando os consideramos subjetivamente. Aliado à citação anterior de McLuhan, podemos *contrapor* à fala do personagem citado um texto de Koyré retirado de seu artigo *Do mundo do mais ou menos ao universo da precisão*:

[o telescópio, o cronômetro, p.ex.]... é um *instrumento*, ou seja, uma criação do pensamento *científico* ou, melhor ainda, a realização consciente de uma teoria. É verdade que, uma vez realizado, um objeto teórico pode se tornar um objeto prático, objeto de uso corrente e cotidiano. (...) É verdade também que considerações práticas (...) podem inspirar o pensamento teórico. Mas não é a utilização de um objeto que determina a sua natureza: é a estrutura; um cronômetro continua sendo um *cronômetro* mesmo que marinheiros o empreguem. E isso nos explica porque não se atribui aos relojoeiros mas aos sábios (...) as grandes invenções decisivas (...) (KOYRÉ, 1991, p. 283).

4. Fazendo uma distinção: o todo e a parte.

É possível que a compreensão de *meio* por nós anunciada seja tão extensa que abarque a totalidade do ente, da realidade se fazendo realidade, isto é, que tudo que há e é possa ser entendido como “meio para algum fim”. Sim. Mas devemos tomar mínimas precauções para que nossa reflexão progrida.

Tudo o que há e é, adquire seu ser e seu sentido ou significância numa remissão a outros entes, de tal forma que um ente isolado torna-se impossível (Cf. HEIDEGGER, 2006, p. 441). Vemos e compreendemos algo determinado, um computador, por exemplo, a partir de um conjunto de remissões que acenam para uma totalidade conjuntural. Em geral, não damos atenção para este contexto maior. No entanto, é a partir dali que podemos ter uma compreensão de seu ser: ele, o computador, é. Mas, de que espécie é essa totalidade conjuntural? Qual o modo de ser desse “ser junto com” que, a rigor, pertence fundamentalmente a todo ente? Ela possui um quê de invisibilidade, uma diferença ontológica em relação ao ente, de tal forma que se quisermos olhar para ela — a exemplo do rei Midas que converte em ouro tudo o que toca — nós apenas toparemos com o ente, e só! E perderemos o aprendizado de outro tropeço! A natureza ou estrutura do objeto não pode ser vista no imediatismo de alguma serventia momentânea, pois esta tem no visível seus limites. É preciso que liberemos em nós um comportamento pensante que ultrapasse estes limites sem

abandoná-los, ou seja, que aprendamos a ver os objetos *também* a partir de sua própria natureza! Isso nos chama a atenção para o seguinte: o todo não pode ser visualizado com os mesmos olhos que a parte. Mas onde estará o todo? Não lhe resta outro lugar de ser que não na parte! Mas esta identidade não pode ser compreendida como alguma igualdade lógica. Por certo, a compreensão que envereda neste jogo semântico se dinamiza, se transmuta: a partir do ser (do todo, da totalidade) o ente se mostra em sua teia de remissões e significâncias; em se mostrando assim o ente, a cada vez, mostra-se ou compreende-se melhor o ser. Então, a própria compreensão se modifica: ela não pode ser mais entendida como alguma forma teórica rígida. De tal forma que desconfiamos do entendimento lógico categorial quando este nos diz: *ou* o ente *ou* o ser! Como anúncio desta outra compreensão, nos diz Heidegger: “O *sophón* significa: todo ente é no ser. Dito mais precisamente: o ser é o ente” (HEIDEGGER, 1984, p. 17). Será que podemos também dizer: a natureza do objeto ou do meio (sua estrutura) é o objeto efetivo, é o meio efetivo? Por certo, não se encontra nesta afirmação uma planificação gramatical que converte tudo em tudo. Mas uma inversão do olhar! Na superfície, o fundo; no ente, o ser. Não há um ser por detrás do ente; não há uma tecnologia por detrás do objeto técnico como algo de estrangeiro. No objeto tecnológico efetivo está a tecnologia. No notebook que utilizo pulsa nossa civilização tecnológica. E isto à revelia de minha consciência individual.

Podemos pensar a estrutura ou natureza dos meios e objetos — ampliando a compreensão — em diversos contextos “pré-tecnológicos” ou “pré-científicos”: na arte, na política, no artesanato em geral, na religião, etc. Mundos distintos de sentido ecoam porque diferentes objetos nos convidam a diferentes experiências. Dependendo da totalidade que está em jogo — do fim — todo o sentido, toda a compreensão dos entes envolvidos se modificará.

5. Uma breve excursão: o artesanal e o científico.

Retornar reflexivamente a este mútuo pertencimento de homem e técnica possui seus saudáveis perigos. Demanda tempo, paciência e trabalho. Contra este projeto encontramos a tendência já grandemente implantada pelos processos tecnológicos de que tudo o que é demorado é ineficiente. Esquecemos rapidamente que, sobretudo no último século, aos poucos, o progresso tecnológico criou em nós a mentalidade de que as *imperfeições* da natureza, do homem

e da sociedade, não são apenas indesejáveis. São o que não deveriam ser! Estas imperfeições, ainda dizemos, serão suplantadas através da construção de meios autônomos e independentes do ser humano. Pois este, o ser humano, é falível.³ Percebemos que uma vida artificial elevou-se a modelo desejável de vida. Um estranho desejo que deveria chamar nossa atenção como um novo tropeço! Pois nos exime de todo compromisso com a vida: esta é delegada a modos de vida previamente organizados (calculados, tecnológicos) com vistas a alguma execução futura, assegurando-se contra toda falha. Neste caminho toda discussão ética, política, social, econômica, pedagógica, etc., dos meios, embora imprescindível, chegará tarde, sempre tarde. Pois o ontológico cultiva um olhar diferenciado do ôntico, interferindo nesse segundo outra medida.

Continuemos nossas problematizações. Está em jogo não considerarmos a tecnologia como um meio no sentido corriqueiro. Pois nessa compreensão de meio estamos a pressupor sem exame um ser humano determinado que, servindo-se de um meio já dado e sabido, atinge certos objetivos previstos ou esperados. Uma luneta estende o alcance de nossos olhos; um machado a força de nossos braços e mãos; um facão, o poder de nossos dentes! São exemplos de técnicas artesanais ou empíricas que se dirigem ao mundo físico ou natural⁴. São meios para...

No entanto, um telescópio ou um microscópio ampliam simplesmente o poder de nossa visão? Vendo o que nunca se viu? O carro, o avião e o foguete ampliam simplesmente nossa experiência do espaço e do tempo? A experiência simultânea de todos os eventos em todos — razoavelmente propiciada pela mídia atual na cultura de massas — amplia o quê? Estamos diante de técnicas científicas, da tecnologia em sentido moderno e contemporâneo! Não estamos diante de uma mera ampliação de nossas possibilidades corporais ou artesanais. Podemos dizer que estes dois modos tecnológicos (o empírico ou artesanal e o científico) demonstram dois modos distintos e autônomos de existência técnica. Adiante, faremos outras observações. De tal forma que devemos ter ressalvas à consideração de um como sendo mais limitado em relação ao outro.

3. O cinema nos oferece muitos retratos desta situação. Podemos ver como um exemplo cômico deste projeto de existência, onde se busca eliminar toda possibilidade de erro humano delegando aos aparelhos tecnológicos a segurança, a eficiência e a imparcialidade, o filme dirigido por Stanley Kubrick "Dr. Fantástico" (1964).

4. Por certo, o espírito também está presente em tudo que é natural e físico. Mas que dizer, pontualmente, de outras técnicas artesanais que não estendem e ampliam as possibilidades humanas atuais na direção do mundo natural, mas na do "espiritual", como o pincel do artista, as mãos do oleiro, a ferramenta do escultor, a palavra do poeta, do profeta, do pensador, a oratória do legislador? Como se dá esta espécie de ampliação?

Segundo este viés, é inadequado interpretar uma espécie de técnica a partir de pressupostos característicos de outra. E também: em cada técnica ou época tecnológica e a partir dela mesma encontra-se e encobre-se um modo de vida com suas próprias aventuras.

De forma mais restrita, é o eco que encontramos nas questões construídas por Vilém Flusser em sua *Filosofia da caixa preta*:

Fotografias são bens de consumo como bananas ou sapatos? O aparelho fotográfico será instrumento como o facão produtor de banana, ou a agulha produtora de sapato? (FLUSSER, 2002, p. 20);

O fotógrafo será proletário? (FLUSSER, 2002, p. 21).

A partir da natureza dos meios, o autor nos convida a ouvir o som de outro modo de ser que veio e impõe sua força por toda parte. Ele o faz, aqui, comparando corpo e mente, atividades artesanais e científicas. Costumamos dizer que os instrumentos técnicos prolongam os órgãos do corpo. Como será esse prolongamento? “Será então, o aparelho fotográfico máquina por simular o olho e recorrer a teorias óticas e químicas, ao fazê-lo?” (Cf. FLUSSER, 2002, p. 21). A que tipo de prolongamento ou extensão o autor nos chama a atenção?! Vemos, a partir dos exemplos citados, uma compreensão de meios e fins que não é unívoca. Ela se mostra no termo “empírico” (o facão, por exemplo) e nos termos “teóricos”: aparelho, simulação, ciência da ótica e da química, etc. Quando pensamos este prolongamento nos instrumentos produzidos a partir de teorias científicas (o telescópio, o microscópio, o cronômetro, a máquina fotográfica, o acelerador de partículas, etc.) estancamos: não estamos mais diante de ferramentas, de utensílios, de instrumentos ou técnicas empíricas, nascidas do esforço no “ensaio e erro”, mesmo quando adquire perfeição na arte (*techné*) e no olhar do mestre artista (KOYRÉ, 1991, p. 287). E que se distingue ainda, em certo sentido, do saber teórico mais elevado — das causas e princípios últimos — cultivado pela tradição filosófica. Estamos diante de objetos que possuem uma origem não-empírica, isto é, racional e tecnológica. Estamos diante de instrumentos, máquinas, objetos e ferramentas produzidos em sentido moderno contemporâneo a partir de teorias científicas fundadas no cálculo e visando a precisão, enfim, *a partir da racionalidade tecnológica*. Estes não se distinguem simplesmente pela mera troca dos materiais, isto é, pela substituição da madeira, cordas, pesos, força hidráulica, etc., pelo ferro e aço, fios de cobre, força a vapor ou elétrica, etc. Uma descrição do nascimento e desenvolvimento da ciência moderna nos forneceria uma noção destas diferenças (Cf. KOYRÉ, 1982; 1991). Possuem uma natureza distinta dos objetos artesanais, por exemplo.

Assim, de que modo nosso corpo é prolongado ou estendido nestes instrumentos? Ou como estes novos instrumentos e máquinas o fazem? E, de modo contrário ou reativo: a partir destas novas técnicas, como o corpo é descoberto? Como a natureza é descoberta? Como o ente se mostra? Por fim, nossa constante pergunta: que compreensão de totalidade ali impera? Que tipo de remissão e que tipo de significância se apresenta a nós quando tudo é abarcado segundo este viés tecnológico? Quando designamos algo como meio, todo um jogo de sentido já atravessou nossa retina e atingiu o objeto tornando-o, assim, visível. Talvez possamos alcançar a seguinte visão, visão existencial, e que não é imediatamente clara: “A técnica moderna constitui-se como uma determinada filosofia, constitui-se como uma tentativa de resposta para a inesgotável questão acerca do enigma do ser (FINK, 1958, p. 67).⁵ Uma tentativa, uma determinada filosofia. A recuperação deste aspecto finito da tecnologia é fundamental para o diálogo com outros modos possíveis de existência. A parca investigação rumo à natureza ou estrutura dos meios, dos objetos, nos conduz dentro dos limites deste texto a esta compreensão existencial.

6. Tecnologia e existência.

Chamaremos agora uma modesta atenção à construção da existência tecnológica, se é que podemos assim designá-la. Estaremos a elaborar questões acerca desse ser humano e das mudanças que perfazem esse mundo de possibilidades.

Tudo o que podemos designar como *meios* ou *objetos tecnológicos* — que algo serve para algo — se inclui num contexto onde preparação, execução e resultado confluem. A escrita por *e-mail*, em *blogs*, nos *notebooks*, nos jornais da *web*, etc., *não é indiferente* aos aparelhos tecnológicos (bem como aos aparelhos industriais, ideológicos...) que as executam, aos agentes que a planejam e ao público que a recebe (FLUSSER, 2002, p. 19 ss; ZIMMERMAN, 2001, p. 308). Todos estes elementos nascem, desenvolvem-se, sucumbem e são substituídos por novos numa certa tendência. O meio, por exemplo, interfere ou influencia a produção da escrita. Pensemos nas transformações ocorridas a partir das diferentes técnicas de escrita que usamos: à mão, à máquina de escrever, nos processadores, nas manchetes de jornais, nos *outdoors*. Não se escreve da mesma maneira em cada um destes veículos. Não há um único e mesmo modo de escrever. A

5. “Die moderne Technik ist eine bestimmte Philosophie, ist eine versuchte Antwort auf die unerschöpfliche Frage nach dem rätselhaften ‘Sein’” (Tradução nossa).

própria compreensão do que seja a escrita e de sua função se modifica. Percebemos isso facilmente quando atentamos para o predomínio visual e midiático na sociedade da informação. Há quem diga que estamos agora numa era visual, pós-histórica, já não mais determinada pela leitura linear que caracteriza a escrita e a história (Cf. FLUSSER, 2002, pp. 13-18). Em tudo isso, como já salientado, há algo de alheio à nossa vontade individual. Por certo, somos agentes e tomamos decisões. Mas o fazemos num horizonte de possibilidades tecnológicas que se impõe assiduamente. Não se considera, a não ser em círculos menores, que a ampliação da alfabetização e agora, da leitura *on line*, exige uma simplificação crescente do texto. Este princípio — o da simplicidade — foi largamente aplicado no desenvolvimento das ciências da natureza. Sua posterior utilização em larga escala nas ciências humanas ou nos negócios humanos acarreta consequências que aqui e ali chamam a atenção dos investigadores. Vide por exemplo os mecanismos de manipulação de massas! A contínua, natural e inconsequente comparação entre o político e o administrador de empresas! O fato de que nossos filhos já nascem em meio aos aparelhos e a eles se adaptam com rapidez e eficiência! As discussões formativas — na escola, na família, nas diversas instituições — sentem-se suplantadas por estes aparelhos de diversas formas. Em nenhum momento estes meios são questionados em seu ser. Busca-se sempre canalizar o seu uso em coerência com valores já estabelecidos pela sociedade e a partir disso emitir julgamento de valor. É o que ocorre quando os usamos no ensino e no aprendizado de algum saber escolar. E, com isso, cedemos àquela interpretação antropológica e instrumental da técnica.

Numa pedra de granito cortada à mão (artesanalmente) e noutra cortada por uma sofisticada máquina com jatos d'água finos e potentes não encontramos uma progressiva e linear evolução técnica ou tecnológica (do "empírico" para o "tecnológico") e um mero aumento do controle sobre os materiais e os métodos de produtividade. Há, igualmente, uma modificação radical de ser humano, de mundo, de meios, de fins, etc. Todos participam de uma totalidade que tende a alcançar tamanho grau de funcionalidade que dispensará qualquer suspeita acerca desta mútua interdependência. O imediatamente visível tende a eliminar toda carência para que não se crie a suspeita acerca do invisível. Apesar deste objetivo nunca ser alcançado com perfeição, encontramos seus mecanismos no afã pelo sempre novo, pela rapidez e eficiência na obtenção de objetos e de prazeres (sociedade pós-industrial, estado de bem-estar social, etc.), pelo consumo constante, pela aversão a tudo o que é demorado e lento! Como já destacado, a tendência é que todo questionamento se compreenda exclusivamente

a partir de algum defeito na cadeia de funcionalidade e de produção!

Talvez, mas isto não é certo, consigamos ver esse fenômeno tecnológico na descoberta da natureza material (tal como o fez e faz o conjunto das ciências naturais) como fonte inesgotável de energia e de recursos, que se estende ao homem e à sociedade em sentido amplo. Dessa natureza — que não é a natureza mítica, nem a dos poetas, nem aquela sobre a qual o movimento romântico se ocupou — diríamos:

A energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento (...). Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do desencobrimento explorador (Heidegger, 2002, p. 20).

Será que a partir deste texto já encontramos, como aceno para uma resposta, aquele *fim* extremo para onde tende o império tecnológico? Segurança e controle não correspondem a este *fim último*? Como fim último, ele já não está antecipadamente presente, embora não percebido como tal, em tudo o que chamamos de *meios para fins*? Na linguagem heideggeriana, a técnica moderno-contemporânea (tecnologia) é apresentada como *um modo* de desencobrimento, isto é, da realidade fazer-se e constituir-se como realidade. Extração de energia em múltiplos sentidos, controle e asseguramento perfazem este processo de auto-constituição. Esse processo é descrito em seu teor verbal e não substantivo, ou seja, está-se nomeando e descrevendo uma atividade predominante e que está em curso. Este modo da realidade vir a ser (desencobrimento) possui seus próprios caminhos. Segurança, controle, produtividade crescente, racionalização, quantificação, uso predominante da linguagem físico matemática, funcionalidade, etc., pertencem a este caminho.

No entanto, antes de fazer ciência o ser humano já se encontra vivendo num mundo de relações ou atividades: guerreando, construindo povos e cidades, amando e odiando, trabalhando desta ou daquela maneira, falando e escrevendo, produzindo de múltiplas formas, etc. A ciência e técnica modernas não são um fato existencial primário em nossas vidas, mas secundário. *Antes de tudo e na maioria das vezes* não estamos no mundo da ciência e da tecnologia! Trata-se de afirmação ontológica! Sem os avanços técnicos e científicos também viveríamos. Mas pensemos também: a tecnologia domina de tal forma nosso saber acerca do real, que ela se converteu numa espécie de tribunal, isto é, algo vale se puder ser provado segundo certos métodos científicos e tecnoló-

gicos! A saída para não incorrerem em relativismos desviantes é cultivarmos a pergunta pela origem ou proveniência de cada modo de ser, no caso, a proveniência do modo de ser tecnológico. “Proveniência”, aqui, não está indicando origem histórica no sentido usual. Mas ontológica: a ciência e a técnica modernas pressupõem — embora não façam disso tema e nem o necessitem — um mundo vital (*Lebenswelt*). Nesta linha, cada modo possível de vida (aqueles citados como pré-científicos e artesanais, mas também a vida científica e tecnológica) constitui-se como um modo de descobrimento (*alétheia*), segundo M. Heidegger. A partir do modo de ser tecnológico, “o que é [o ente, o real] já não está para nós em frente e defrente, como um objeto” [*Gegenstand* — como uma coisa que se opõe ou resiste às nossas investidas, conservando certa alteridade]” (HEIDEGGER, 2002, p. 21). Podemos perceber esta “des-objetivação” do real e de suas mais diversas serventias na noção científica de *corpo* desenvolvida pela ciência da física. Ela elimina todo encontro nas mais diversas atividades da vida, concentrando-se apenas nas propriedades quantitativas do real, passíveis de medição e, então, de certeza e de asseguramento. Assim, todo ente se torna disponível para este processo.

A técnica e a ciência modernas se constituem como nosso modo de ser ou de existência histórico. De um ponto de vista que leva em conta a técnica e a fabricação de instrumentos para produção, isto significa que outras épocas da existência ocidental (antiga e medieval), bem como outros povos do globo terrestre, desenvolveram e desenvolvem técnicas distintas daquela que apareceu na modernidade europeia e que hoje “cresce” por toda a terra “unindo todas as gentes”. Mas não é a técnica uma e a mesma? Se, por um lado, não há ser humano sem técnica, por outro não existem apenas várias técnicas conforme as mais diversas habilidades desenvolvidas. O conjunto da técnica também se diversifica nas mais diversas civilizações forjando identidades. Neste sentido, a técnica e a ciência moderna também possuem o seu diferencial. Sempre é útil, se bem compreendido, elaborar uma separação metodológica entre técnicas artesanais e/ou empíricas e a técnica científica moderna e contemporânea. Pode-se então pensar a identidade e a diferença entre elas sem misturá-las. Os textos dos autores citados neste trabalho partilham deste caminho. Nesta distinção foca-se o modo ou jeito de ser dominante em cada uma, e que subjaz a todas as atividades mais especializadas, sendo inclusive hoje de utilidade na construção de um diálogo entre os mais diversos saberes e aqueles que recebem o título de “ciências”. Dessa forma pode-se evitar a tentação de uma compreensão progressista ou linear da técnica. Embora útil em certo sentido, esta

compreensão mais obscurece do que esclarece os problemas ontológicos com os quais nos deparamos. O ser humano, historicamente, encontra-se sempre desejando, interpretando a si e ao mundo que o rodeia de modos distintos. Muito obtemos quando nos perguntamos, diante dos mais diversos produtos da técnica em sentido amplo, que espécie de homem real e ideal está ali presente! (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 17 e ss e também p. 34 e ss). Uma roda d'água e uma hidrelétrica não são simplesmente estágios de um mesmo processo de desenvolvimento. São também expressões diferentes e históricas de como o ser humano compreende a si e ao mundo e busca solucionar os problemas que cada época lhe impõe (Cf. KOYRÉ, 1991, p. 275). Se alguns problemas são sempre os mesmos, por exemplo, a manutenção da vida biológica, por outro lado cada época sente estes problemas, analisa-os e os encaminha de forma distinta.

Podemos também dizer que a ciência e a técnica focadas distinguem-se de outros comportamentos espirituais tais como a arte em geral, a religião, a educação, a política, a história, a linguagem, etc. O ser humano não fabrica apenas objetos materiais, mas também cultos religiosos, ideias e doutrinas, comportamentos os mais diversos, éticas, valores, decisões, etc. Assim podemos compreender a realidade como uma diversidade de possibilidades, a partir de distintas *technés*. A técnica moderna e contemporânea seria apenas uma ao lado de tantas outras. Descobrimos que a essência da técnica não é nada de técnico (HEIDEGGER, 2002, p. 11) pode-se enveredar no diálogo com outros modos de ser.

Até certo ponto e pensando a partir dos pressupostos envolvidos na técnica moderna e contemporânea, reparamos na presença de uma força que se impõe com um sucesso nunca antes presenciado na história humana. O "telescópio" de Galileu não era superior às "lunetas" holandesas devido a alguma novidade material. Galileu poliu manualmente as lentes de vidro, juntou as partes segundo uma nova ordem nos devidos ângulos, etc. Era superior devido ao princípio orientador: o cálculo, a precisão, a ideia! (Cf. KOYRÉ, 1991, p. 278 e 288). O cálculo e o que ele representa assumem precedência diante da prática. Pode parecer estranho, mas a ciência moderna é teórica e não prática! Nela a teoria suplanta a prática e *orienta para uma nova prática*. (Cf. p. ex. KOYRÉ, 1991, pp. 274-275). A figura do técnico e do funcionário, os mecanismos informacionais e industriais são exemplos dessa nova prática. Por isso, a atividade tecnológica de nossos tempos constitui-se como um conjunto de ações precisas, racionais, calculadas, e que visam à possibilidade de um asseguramento, previsão, ordenamento calculado progressivos da realidade. Na visão "artesanal" (antiga e

medieval), de certa forma, a prática precedia o cálculo e a teoria. A própria teoria, decantada a partir do discurso científico antigo, tinha por princípio e como modelo a realidade empírica. Assim, não era uma teoria calculada e precisa para orientar as ações práticas. Ao contrário. Como os engenheiros o demonstravam, calculava-se a partir de um problema específico e para solucioná-lo (Cf. KOYRÉ, 1991, p. 251 ss). Nesta inversão, cabe-nos a tarefa de compreender um comportamento que calcula para que todos os problemas, antecipadamente, sejam previstos e resolvidos. Como uma fórmula que ao ser descoberta pudesse liquidar todo esforço, todo problema, todo trabalho, toda imperfeição! Um esforço para não se fazer esforço que fosse finalmente alcançado (Cf. ORTEGA Y GASSET, 1963, pp. 27-33). Que tipo de vida seria essa! Mas não é nesse propósito de vida que estamos inseridos em nosso projeto atual de existência?

7. Para concluir...

Nosso percurso até aqui se assemelha a uma estrada de terra interiorana exatamente após longa chuva: cheia de buracos e de perigos que se oferecem ao motorista. Que fazer? Como devemos nos posicionar em nossa efetiva situação existencial no mundo tecnológico!? Há que se advertir que a resposta não está simplesmente subordinada à nossa vontade subjetiva e que devemos sempre desconfiar de toda pressa. Paradoxalmente, muito ganharemos se suportarmos nossa impotência individual diante da força desmedida da tecnologia e aprendermos a aguardar! Na espera adequada e cuidadosa há uma estranha certeza. Na impossibilidade de se saber o dia e a hora um novo modo de cuidar encontra gestação. Nosso trabalho ocupou-se com uma transformação do olhar e um alargamento da compreensão. Almejamos uma sensibilização para o que chamamos de *invisível*. Há ainda muito que se pensar acerca de um novo comportamento em meio ao império tecnológico.

Deixamos aqui um pequeno comentário de Saint-Exupéry, de seu *Terra dos homens*. Nos toca de modo especial o sentido que o escritor confere ao termo "fim".

O uso de um instrumento sábio não fez de você um técnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos técnicos confundem o fim com o meio. Na verdade, quem luta apenas na esperança de bens materiais não colhe nada que valha a pena viver. Mas a máquina não é um fim. O avião não é um fim: é um instrumento. Um instrumento como a charrua. Se às vezes julgamos que a máquina domina o homem é porque

ainda não temos perspectiva bastante para julgar os efeitos de transformações tão rápidas como essas que sofremos. Que são os cem anos da história da máquina em face dos duzentos mil anos da história do homem? Ainda nem acabamos de nos instalar nesta paisagem de minas e de centrais elétricas. Ainda nem nos sentimos moradores desta casa nova que nem sequer acabamos de construir. Tudo mudou tão depressa em volta de nós: relações humanas, condições de trabalho, costumes... Até mesmo a nossa psicologia foi subvertida em suas bases mais íntimas. As noções de separação, ausência, distância, regresso, são realidades diferentes no seio de palavras que permaneceram as mesmas. Para apreender o mundo de hoje usamos uma linguagem que foi feita para o mundo de ontem. E a vida do passado parece corresponder melhor à nossa natureza apenas porque corresponde melhor à nossa linguagem.

Cada progresso nos expulsou para um pouco mais longe ainda de hábitos que mal havíamos adquirido; na verdade somos emigrantes que ainda não fundaram a sua pátria.

Somos todos bárbaros novos que ainda se maravilham com seus novos brinquedos (SAINT-EXUPÉRY, 1986, p.45-46).⁶

Referências Bibliográficas

- [1] FINK, Eugen. *Sein, Wahrheit, Welt. Vor-fragen zum Problem des Phänomen-Begriffs*. Den Haag : Martinus Nijhoff, 1958.
- [2] FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- [3] FOGEL, Gilvan. "Do coração-máquina – ensaio de aproximação à questão da tecnologia". In: *Da solidão Perfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- [4] HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Col. Os pensadores. São Paulo : Abril Cultural, 1984. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento.
- [5] _____. *Ensaio e conferências*. Vozes: Petrópolis, 2002. A questão da técnica.
- [6] _____. *Ser e tempo*. Vozes: Petrópolis, 2006.
- [7] KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1982.

6. Também seria o caso de investigarmos uma estória do pensamento chinês que fala da máquina e de seu uso. A certa altura da mesma o sábio responde: "Não que eu não conheça tais coisas: eu me envergonho de empregá-las". O leitor poderá encontrar esta estória na íntegra bem como uma interpretação em FOGEL, Gilvan. "Do coração-máquina – ensaio de aproximação à questão da tecnologia". In: *Da solidão Perfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 91-130.

-
- [8] _____. *Estudos de História do pensamento filosófico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- [9] MCLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- [10] ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação da técnica*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
- [11] _____. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1962.
- [12] SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos homens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- [13] ZIMMERMAN, Michael E. *Confronto de Heidegger com a modernidade. Tecnologia – política – arte*. Lisboa : Instituto Piaget, 2001.